Úma campanha realista

O UNICO REY

POR

ALMADA DE LACERDA

PORTO
LIVRARIA MAGALHÃES & MONIZ — EDITORA
11, Largo dos Loyos, 14
—
1915

UMA CAMPANHA REALISTA

O UNICO REY

PORTO
Emprêsa Gráfica "A Universal,,
111, Rua do Duque de Loulé, 131
1915

Uma campanha realista

O UNICO REY

POR

ALMADA DE LACERDA

PORTO
LIVRARIA MAGALHÃES & MONIZ — EDITORA
11, Largo dos Loyos, 14
—
1915

DO MESMO AUCTOR:

Os IDOLOS MENTIRAM (novella politica) em preparação.

O UNICO REY

O Rey toireiro—Que é lá isso?
—Monarchia sem Rey?—Rey,
um só!—Um throno em leilão
—Traição premeditada—Ó
gentes de caracter...

CERTO redactor do jornal *Nação*, ao registrar no livro de matriculas da casa um novo socio do partido legitimista, vem-nos berrar — ó gentes! — com ares petulantes e sorrisos perversos, que o Sr. D. Miguel, official do exercito austriaco, é o legitimo rey de Portugal.

Esta a historia. Simples, mas irritante . . . D. Sebastião que chega numa manhã de nevoeiro . . .

Ora, eu julgava — e commigo o paiz inteiro — que a doutrina d'estes senhores miguelistas se encerrava nos debates nephelibatas das salas da rua do Duque de Bragança, onde pontifica a velha gazeta, e num piedoso e fiel culto á memoria do rey toireiro.

Mas não é assim.

Os *sebastianistas* de Don Miguel de Bragança, fingindo esquecer antigas rixas, vão callando na intimidade dos da casa o que pensam, tramam na sombra e, á força, querem-nos impingir um novo rey, não já um pretendente despido d'insignias, como haviam pactuado as côrtes de Lamego, mas um rey de direito, um rey a serio, que, num amalgama arrevezado, mal pronuncia o nome de Portugal . . .

Don Miguel II?! . . . que é lá isso? É urgente extremar os campos. Já basta de transigencias!

Com que direito vem agora esse senhor, que de Portugal só conhece o que os seus correligionarios lhe mandam dizer — producto *bèra* d'exportação — aprezentar-se como rey d'um paiz que, ha bons oitenta e um annos, logo apoz incendidas e encarniçadas pugnas, proscreveu para todo o sempre seu pae?

Com que legitimidade, a que titulo se diz rey de Portugal, elle, candidato d'uma causa vencida?

Traz-nos com o seu nome o horror de no-

vas luctas, em que irmãos portuguezes, filhos da mesma terra, se bateram seis annos perfixos, para que em Portugal se não erguessem mais patibulos e a mão ferrea, brutal do absolutismo não mais esmagasse aquelles que a não soffriam. É um estendal d'infamias, de traições, de perseguições, que esse nome lembra. É o sangue fratricida, que ensopou a terra mãe, a manchar-nos, numa visão dantesca da espectral tragedia. Será tudo isso que constitue a legitimidade do sr. D. Miguel ou a radiosa alegria com que os seus partidarios esfregavam as mãos, de contentes, ao verem partir da Ericeira o Senhor Rey D. Manoel II, que ia á Inglaterra, levando na algibeira do seu *par dessus* um bilhete d'ida e volta? . . .

Lá o dizia o orgão official do partido, nas primeiras horas matutinas *do 5 d'outubro,* com a demencia propria da sua avançada idade, ao arreganhar a cynica dentuça, numa gargalhada alvar. Não occultava então o que pensava. Dizia-o clara, nitidamente, affirmando bem alto *que o paiz era sem duvida, por enorme maioria, partidario das instituições republicanas.*

Acclamava a *Deuza Razão,* depondo-lhe no pedestal da estatua erguida além no Terreiro do Paço, as corôas da covardia e do cynismo.

A bandeira azul e branca, o sagrado pendão das quinas, que tantas victorias cobrira nos sertões africanos, era para os miguelistas a bandeira da crápula; os homens publicos, que haviam servido com lealdade e honradez o constitucionalismo, o menos que mereciam era o titulo de ladrões.

Notem bem os monarchicos — dizia-o a *Nação,* na hora do advento do novo regimen! Isto bastaria para os definir.

E esta facção, ambiciosa e perversa, que vivia vida macrobia, antes da proclamação da republica, sentiu-se apta para trepar os degraus do throno, pondo nelle o filho do vencido de Evora-Monte, enguliu a pilula jacobina, lambendo as botas cambadas dos assaltantes do Terreiro do Paço, ajoelhando-lhes aos pés, fazendo-lhes os melhores elogios de mistura com aggressões de linguagem d'arrieiro á Monarchia Constitucional e á Pessoa do Senhor Rey D. Manuel II. As pennas dos seus

jornalistas curvaram-se servil e covardemente á demagogia da Rotunda e a *Nação* fazia-lhe as melhores reverencias, como consta dos numeros do tempo:

Acima de tudo somos portuguezes, e a Republica é hoje um facto consummado em Portugal . . . Se até o regimen deposto, presidido por uma familia de Principes allemães, nos mereceu algumas vezes (poucas) os nossos encomios, era e é justo e razoavel que os seus successores tenham egual garantia. (A *Nação*, editorial de 20 de outubro de 1910).

Sem duvida que o paiz era, **por enorme maioria, partidario das instituições republicanas.**

Lisboa salientava-se pelas suas ideias democraticas e a provincia ia abraçando identica aspiração, *com o enthusiasmo proprio d'um fito messianico.* Porque? Porque a monarchia andava mal, porque os seus homens deixavam d'administrar **para se governarem no mais impudico assalto aos cofres do thesouro.**

Foi por isso que o regimen vigente conseguiu fazer proselytos . . .

A Republica vingou porque o povo não quiz a monarchia de 34. *Escorraçou do templo da Patria os vendedores que a profanavam.* **Nada é comnosco!** Hoje como hontem a nossa bandeira é a mesma que sempre foi — *o symbolo honesto* e augusto d'uma realeza differente. (A *Nação*, editorial de 22 de outubro de 1910).

O governo provisorio da Republica, entre muitas medidas sectarias que reprovamos, tem decretado algumas dignas de louvor, que os adversarios honestos e leaes, embora intransigentes, devem registar com satisfação no *deve e haver* do novo regimen.

Outras reformas se annunciam, segundo o fim que lhes attribuem os bem informados nos mysterios da politica, *egualmente merecedoras dos mais justos encomios.* (A *Nação*, editorial de 25 de novembro de 1910).

Os republicanos não disfarçam a sua alegria. Começa o reconhecimento das potencias extrangeiras. O governo da Republica viu restabelecidas as relações officiaes com a Ingla-

terra, França, Italia, Allemanha, Hespanha, Brazil, Argentina e Chile, devendo hoje ir cumprimentar o sr. dr. Bernardino Machado, os ministros da Russia e Noruega.

Em honra d'estes acontecimentos organisou-se hontem um cortejo com o fim de cumprimentar os ministros extrangeiros que receberam ordem dos seus paizes para tratar officialmente com o governo provisorio.

O conjuncto d'essas cincoenta mil pessoas que tomaram parte na festa **não deixou de produzir um agradavel effeito.** (A *Nação*, 11 nov. 1910).

Hontem e hoje — ... O resto é d'iguaes moldes, exceptuando até agora a carnificina, porque não consta que os monarchicos azues e brancos tenham sido apunhalados á traição como fôram os legitimistas, com vida e fazenda garantidas pela convenção de Evora-Monte.

Folgamos que assim succeda. Registámos n'estas columnas os editaes verdadeiramente previdentes do sr. dr. Eusebio Leão, *digno* governador civil de Lisboa.

O illustre magistrado afastou-se das *nor-*

mas odientas das luctas civis . . . Esta é que é a verdade . . . (A *Nação*, editorial de 5 dez. 1910).

A Bandeira—. . . Eis o que pensamos a proposito da nova bandeira; declarando que respeitaremos a que vier, bonita ou feia — feia sem duvida . . . — e que **signifique e symbolise a Patria em que nascemos** . . . Se alguem a enxovalhar, *cumpriremos o nosso dever*, desejando-lhe **tanta grandeza como a que a antiga recebeu dos feitos dos nossos maiores,** gente honrada e valente que nos creou um lar . . . (*A Nação*, editorial de 2 de novembro de 1910).

Raiou a aurora de 5 de outubro, e com ella a desastrosa queda da Monarchia de 34. Desappareceu n'essa manhã cheia de luz e de sol, a mesma monarchia que amordaçou o povo portuguez ha 76 annos.

Paz á sua alma.

Com a queda do throno usurpador triumphou a Republica, e essa republica, proclamada e nascida em Lisboa, echoou por Portugal inteiro que, *farto dos abusos do regimen*

deposto, **a recebeu no seu regaço sem a menor reluctancia**, sem a mais pequena resistencia.

E' que a maior parte do povo portuguez, dos bons portuguezes, **são primeiro patriotas, amigos da sua terra**, que amam e muito, e só depois são politicos. A Republica nasce, **vinga e o povo espera a sua obra de redempção** que lhe fôra promettida pelos seus propagandistas. (*A Nação*, 3 de janeiro de 1911).

O orgão miguelista e os vencidos.—A *fuga* de Mafra foi o epilogo á altura da traição de officiaes e soldados que abandonaram o joven monarcha. (*A Nação*, editorial de 15 de outubro de 1910).

Nós e a monarchia deposta.—Nada de confusões!... Somos monarchicos, **mas não temos interferencias em latrocinios.**—Os mesmos *que saquearam Portugal* são os mesmissimos *que roubaram* as bagagens e fazenda de D. Miguel I, os bens das Commendas das Ordens Militares, da Casa das Rainhas e da Casa do Infantado. Foram os monarchicos da monarchia intrusa, deposta a 5 d'outubro de 1910,

os heroes d'estes crimes e falcatruas... O paiz estava á mercê de *cynicos de variadas especies* e semelhante gente nunca nos pediu guarida e *perdia o tempo se em tal pensasse.* (*A Nação*, editorial de 22 de outubro de 1910).

Definindo os campos—*O que representa a Republica?* Um movimento revolucionario de protesto contra os esbanjamentos, os subornos, as illegalidades, as violencias *e até a usurpação* da monarchia coburgo-brazileira, cujos effeitos lamentaveis e desmoralisadores hão de por muito tempo influir na sociedade portugueza, cançada de tanta torpeza **e empobrecida pelos continuos saques ao thesouro publico.**

A Republica é isto e mais nada... Nós não compartilhamos **d'estes erros e d'estes latrocinios**... Não nos pertencem os seus erros, nem nos attinge *a lama dos seus esbanjamentos.* (*A Nação*, editorial de 28 de novembro de 1910).

Porque não assignamos—A bandeira azul e branca **não foi a bandeira nacional**, foi o estandarte da **alcateia voraz** que se apoderou do

governo e realisou a nefasta obra do constitucionalismo...

Esse lábaro vem inquinado de **perversidade e de traição** desde a sua origem. Desfraldou-o um *mau filho e peor irmão, que não foi melhor cidadão;* vem da *traição do Brazil,* e á sua sombra *foi escripta a traição* de guerra *d'um filho contra seu pae,* d'um portuguez **contra a integridade da sua patria.**

Foi essa a bandeira *dos syndicatos e de todos os corrilhos,* foi a protecção de todos os caciques; foi **a esperança de quantos intentaram encher-se á custa do erario.** *(A Nação,* editorial de 12 de dezembro de 1910).

Emquanto nobremente os jornalistas constitucionaes srs. Alvaro Pinheiro Chagas, Annibal Soares, Joaquim Leitão, Antonio Cabral, Mario Galrão atacavam no *Correio da Manhã,* no *Liberal* e no *Diario Illustrado* vigorosamente, com uma violencia rara, frente a frente, o novo regimen, o orgão miguelista, com uma covardia sem nome, lançava as maiores infamias sobre os vencidos e bajulava os vencedores e alguns monarchicos censuravam estes

jornalistas intransigentes pelo seu ataque á republica.

A canalha, sahida das alfurjas e dos alcouces, a soldo dos mandantes, assaltava as redacções dos jornaes, agora opposicionistas, e o orgão miguelista, num mixto de covardia e d'adhesão, inspirado certamente pelo seu chefe e pelos seus *condottieri*, escapava á *justiça da rua!* . . .

Os jornalistas monarchicos foram expulsos do paiz e, já em terra d'exillio, quasi todos condemnados a *oito annos de prisão maior cellular seguidos de degredo por vinte*, e o director e redactores da *Nação* continuavam passeando cá dentro, a gozar a situação vantajosa de semi-adhesivos.

Era inconsciencia ou impudor? Tudo isso e ainda a traição, filha legitima dos bons principios do infante D. Miguel.

* * *

Só uma Monarchia com o Senhor D. Manoel II, restauração do regimen tradiccional, sem dependencia de actos eleitoraes e de voto das côrtes! Só! Assim o manda o interesse da Patria.

O Senhor D. Manoel não abdicou, não póde portanto encontrar no acto da Restauração um pretendente para concorrer ao throno. O throno não está vago; com a proclamação da republica não finalizou a dynastia.

Rey para ser eleito por Côrtes? Mas a que titulo, senhores monarchicos? Se nós os que soffremos o exillio, os que calcorreámos as cadeias, os que fomos enxovalhados, que nos batemos e chorámos lagrimas de raiva e de dôr, por Elle, só por Elle tudo isso soffremos?

Que caballa sinistra e perversa é essa de nos vir indicar outro Rey ou de rifar o throno portuguez?

O paiz sabe o que quere e para onde quere ir.

Então foi para esse acto vergonhoso de pôr um throno em leilão, que Paiva Couceiro se bateu á frente dos seus bravos, em Casares, em Vinhaes, em Chaves; foi para isso que morreram Villa Franca e Ornellas de Vasconcellos, que padre Domingos arrastou, com a sua fé ardente de patriota e a sua convicção de monarchico *d'um só rosto e d'uma só fé*, á sombra do pendão sagrado das quinas, os seus

valentes minhotos de Cabeceiras e, numa acção forte, herculea, assombrosa, fez frente ás tropas republicanas, de serra em serra, cumprindo extrictamente o seu dever e a sua palavra honrada; que nós todos, transfigurados d'enthusiasmo, o coração a pulsar-nos de fé e de patriotismo, á voz do clarim que nos chamava, corremos a tomar as nossas armas e occupar os nossos postos?

Não foi pelo Senhor Rey D. Manuel II, num sacrificio constante, que arrostámos os maiores véxames, fomos escorraçados, banidos, cuspidos, soffremos aggressões e insultos, comemos o pão negro do exillio e ás grades das cadeias pagavamos o crime de não commungarmos nos principios *d'elles?*

Então, nós todos collaboravamos numa farça ignobil, numa infamia monstruosa?

Não, não pode ser! Rey, só um. D. Manuel II. Bandeira, uma só: azul e branca!

Monarchia, aquella que nasce da Tradicção, d'onde brota escaldante e limpida, cheia de civismo e d'honra, de coragem e de sacrificio, de brio e lealdade a grande alma portugueza; aquella que, no sangue de Viria-

tho e dos seus pastores foi beber o seu sonho aventureiro, ao montante d'Affonso Henriques incutiu animo para novos lances, em rudes combates abriu brecha na moirama, abalou *por mares nunca d'antes navegados* a descobrir mundos novos, em galeões e caravellas, illuminados pela fé, n'uma ancia gigantea d'Epopeia; aquella que em cada pedra deixou um sonho, em cada altar uma prece, em cada batalha um pouco de bravura; aquella que, na hora mais que angustiosa do captiveiro, illuminou a pallida e sublime figura de D. Fillipa de Vilhena, ungindo a fronte dos filhos ao cingir-lhes á cinta as espadas gloriosas, que deram mais um feito á Historia e aos vindouros uma lição de civismo. Monarchia, aquella que nós trazemos guardada no nosso peito, evocadora de paginas d'honra, de brio, de nobreza e d'heroismo; aquella que, no altar sagrado da Patria, pela bocca dos seus Reys e dos seus Principes rezou as mais bellas orações e onde nós todos commungamos com mystico fervor, ajoelhando ás Ave-Marias, com a saudade a roçar-nos a fronte e as lagrimas a marejarem-nos os olhos. A Monarchia dos

nossos Mayores, que nos legaram, immaculada e pura, a mais nobre tradicção, o mais glorioso e heroico nome, arca santa d'uma Epopeia.

Quem é o representante legitimo d'esta Monarchia?

O Senhor Rey D. Manuel II.

É Este que o paiz quere, ama e aclama. O Unico capaz, pelo prestigio da hierarchia, pela virtude do sangue, pela dura experiencia do exilio, pela Sua intelligencia, o Unico, repito, capaz de fortificar de novo a Nacionalidade, dar á nossa Patria dias de gloria e de bem estar, com o impulso forte do Seu cérebro e do Seu braço. Será o continuador da grande obra, cannibalescamente interrompida, do mór Brigantino, que ao engrandecimento patrio consagrou o melhor da Sua vida e da Sua energia.

A Seu lado terá as tres quartas partes do paiz, cheias d'anciedade, frementes de patriotismo, que o aguardam de braços abertos para lhe beijarem a fimbria do manto d'arminho e lhe restituirem o throno, promptos a libertarem o Reyno do captiveiro barbaresco da alcateia

de lobos famintos, que, na madrugada tôrva de 5 d'outubro de 1910, desceu ao povoado nacional. A seu lado estarão todos os portuguezes, que, na hora redemptora, esquecendo dissenções, serão os seus mais leaes servidores, a legião, já enorme, dos que protestam, que escreveram a historia d'uma Causa com o sangue dos martyres, que rasgaram os seus galões, que encheram as masmorras; nobres e plebeus, operarios das cidades e trabalhadores do campo, pobres e ricos; todos emfim que, hoje, entoam um cantico de fé, cheios d'energia, altivos, radiantes, cabeças erguidas e corações a rir.

Do outro lado estão os nossos adversarios — os que ao trapo pintalgado de verde e salpicado de sangue estão ligados pelos seus crimes e os tôrpes calumniadores, que a um principe da extranja prestam vassalagem, entoando hossanas á carmanhola jacobina.

Para esses, uns e outros, a porta está fechada. Não póde haver transigencias.

Aquelle que pactuar com inimigos nossos, nosso inimigo é. Acceitar a sua collaboração é crime sem perdão. Transigir é trahir.

O Senhor D. Manoel II não necessita de ser acclamado. As Côrtes Constituintes reunirão, sim, mas para reverem a Carta, para deliberarem e votarem reformas politicas urgentes, nunca para acclamarem El-Rey, nem sequer para receberem o juramento a que se refere o art. 76.º da citada Carta. A sua acclamação fez-se em sessão das Côrtes Geraes, reunidas em 6 de maio de 1908, e o paiz sancionou esse acto com um enthusiasmo que jámais poderá ser esquecido.

Restaurando a Monarchia, restitue-se um throno a quem de direito pertence e a *unica questão previa* que agora surge, não é a equação apresentada pelo illustre publicista, sr. dr. Cunha e Costa. Não; a *unica* é a de que o paiz, num esforço collectivo, tem de correr a pontapés e a chuço essa farça a que se convencionou chamar republica.

Assim o pensa o paiz inteiro, desde a nobreza fidalga de pura linhagem á honrada gente da cava, que traz o rosto tisnado ao sol da lavoura.

A Restauração Monarchica é uma questão

de vida ou de morte para a nação; não póde, nem deve ser a restauração das quadrilhas monarchicas, que com os seus processos vergonhosos foram a causa primacial da republicanização d'um paiz, que, sem saber o que queria, vagabundeava ao acaso, levado por *meneurs* sem escrupulos, vindo a cahir finalmente na mão da quadrilha jacobina, lançando-o assim na mais desvairada anarchia, que é a morte certa, fatal, se lhe não acudirmos a tempo. As ambições e os privilegios d'essas quadrilhas arrastaram o paiz a um estado d'anniquillamento, d'apathia, de que se aproveitou o bando republicano para assaltar o erario nacional, confirmando assim a phrase brutal na sua simplicidade, mas cheia de verdade e de prophecia de Homem Christo, o maior dos pamphletarios da nossa terra, quando, a 8 de maio de 1910, escrevia: *As quadrilhas monarchicas são más. Mas a quadrilha republicana é peor que as quadrilhas monarchicas.* Assim era, e o futuro se encarregou de o confirmar.

A Monarchia restaurada não póde ir enfileirar na cauda do Constitucionalismo im-